



ID: 123456239

10-06-2026

Só gosto de mim. Porquê? Eu sei

Não é o fim do mundo



Pedro Adão e Silva

Ao contrário do que nos é sugerido todos os dias, os portugueses não estão tão polarizados como se pensa, e a polarização que existe é mais política do que fundada na convivialidade social. Esta é a grande conclusão de um estudo inovador, realizado por uma equipa do ICS/Iscte para o *Expresso*. Mas o estudo não se fica por aqui: revela também que persiste um grande afastamento dos simpatizantes dos partidos do arco da governação em relação ao Chega. Na comparação com as restantes forças partidárias, tanto André Ventura como os apoiantes do seu partido são sistematicamente avaliados de forma mais negativa pelo conjunto dos inquiridos – e mesmo os simpatizantes do PSD encontram-se muito mais distantes do Chega do que, por exemplo, do PS.

É, de facto, estranho. Os

portugueses não só estão menos polarizados como continuam a escolher maioritariamente o espaço da moderação – uma realidade que contrasta com o tom confrontacional dominante no debate político e, pior, com o ambiente tóxico das redes sociais, que contamina significativamente a agenda mediática.

Este divórcio entre atitudes sociais e debate público merece reflexão. Indicia também que, em parte, o problema da ascensão do populismo é consequência de uma sobreexposição dos seus protagonistas – não há semana em que Ventura não conceda uma entrevista exclusiva a uma televisão ou a uma rádio – e de um alinhamento da agenda da comunicação social com as narrativas insurgentes, o que não é independente das transformações estruturais do negócio dos *media*.

Ainda assim, não há motivos para grandes celebrações. Esta fotografia de um país mais moderado do que o sugerido pelo debate público coexiste com uma tendência de queda estrutural do espaço de moderação, representado pelos partidos do centro, e com uma normalização progressiva da extrema-direita. É uma questão de tempo até se instalar, também entre nós, a versão moderna do



RUI GAUDÊNCIO

“
É uma questão de tempo até se instalar, também entre nós, a versão moderna do solipsismo: aquela em que cada um vive na sua bolha”

solipsismo: aquela em que cada um vive na sua bolha, fechado sobre as suas próprias narrativas, distanciando-se a um ritmo alucinante de ideias diferentes ou de qualquer indício de alteridade identitária, que passa a ser encarada como ameaça ou mesmo como adversária. Um mundo novo em que cada um só gosta de si e dos que pensam de forma alinhada e em que os outros são encarados como inimigos a derrotar.

Por que razão sucede isto? Em parte, por fadiga e frustração para com as respostas das governações, que se revelam estruturalmente incapazes de lidar com os desafios

novos, para os quais não têm recursos, instrumentos nem ideias. Mas esta crise de imaginação caminha de braço dado com transformações negativas no espaço público – da crise de legitimidade das instituições de intermediação à emergência de ferramentas que, ao mesmo tempo que criam uma ilusão de participação e propagam “verdades alternativas” a um ritmo ingerível, promovem a individualização e a fragmentação social.

Esta realidade não deve, porém, ser encarada como uma fatalidade. Até porque o estudo mostra também que as atitudes sociais dos portugueses ainda oferecem recursos que não podem nem devem ser desperdiçados. O que comprova o erro do PSD em insistir em acordos com o Chega a propósito de tudo e de nada. Uma escolha com consequências: o país não resolverá com equilíbrio nenhum dos problemas que enfrenta; o espaço para o compromisso degradar-se-á ainda mais; o debate público tornar-se-á mais confrontacional; e a polarização política que se está a insinuar evoluirá para uma polarização social de que demoraremos muito a recuperar.

Colunista